

Banqueiros apóiam Governo

— O Governo brasileiro está agindo corretamente ao endurecer com o Fundo Monetário Internacional, mas não deve esticar a corda em demasia. Temos um bom momento, agora, para fechar o acordo com o FMI e os bancos e não seria bom para o Brasil perder essa oportunidade — disse ontem o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira.

O diretor do Banco Nacional, Genival de Almeida Santos, também tem uma opinião semelhante. Segundo ele, os negociadores brasileiros não precisam demonstrar pressa em chegar ao acordo com o FMI, mas também não devem deixá-lo “para as calendas gregas”.

— A hora boa é a atual ou daqui a três meses, no máximo, enquanto as reservas internacionais estão elevadas e o país tem condições de barganhar com o Fundo um acordo mais favorável — disse Genival Santos.

Tanto Marcílio Marques Moreira como o diretor do Banco Nacional não interpretaram as declarações do Presidente José Sarney, na sexta-feira, como um rompimento com o FMI, por considerarem esse rompimento desnecessário.

O fato de Sarney afirmar que não tem compromisso com o Fundo e que quem tinha já morreu, referindo-se a Tancredo Neves, foi visto mais como uma outra pedra no xadrez da negociação do que como o fim das relações

entre o Brasil e o FMI. O país, de acordo com os dois banqueiros, parece não ter pressa alguma em firmar o acordo, aproveitando, dessa forma, a existência de reservas de cerca de 8 bilhões de dólares. E como se trata de um Governo novo, que ainda está se consolidando, observou Santos, “está certo ao adotar essa atitude”.

— Só não pode abusar — comentou o vice-presidente do Unibanco — pois é de interesse do Brasil montar um esquema de financiamento da dívida com os bancos ainda este ano e, para isso, precisa obter sinal verde do FMI ao programa econômico. É perigoso esperar por 86, pois existe uma hipótese de que no primeiro trimestre a economia mundial venha a enfrentar um novo período de recessão, o que poderá gerar o recrudescimento do protecionismo comercial.

As declarações do Presidente Sarney, segundo constatou Marcílio Marques Moreira através de contatos telefônicos, não repercutiram na praça financeira de Nova Iorque. A preocupação dos banqueiros e da opinião pública norte-americana está mais voltada para a Argentina, país que está adotando medidas extremamente duras para derrubar a inflação e equilibrar o balanço de pagamentos, e para o Peru, que paralisou totalmente o pagamento de juros e amortização de sua dívida externa e não chegou a acordo com o FMI.